

CHEVITARESE, André L. Jesus de Nazaré: o que a história tem a dizer sobre ele. (2^a. ed.). Rio de Janeiro: Menocchio, 2024, 115p. (Jesus of Nazareth: what history has to say about him). ISBN: 978-65-998080-3-

Daniel Veiga*

O objetivo da obra em questão consiste em apresentar os dados informativos obtidos pela pesquisa acadêmica sobre a personagem histórica de Jesus de Nazaré numa abordagem multidisciplinar que engloba as diferentes contribuições da história, da arqueologia, da antropologia, da sociologia e da ciência das religiões no intuito de se desvendar quem foi esse judeu chamado Jesus, que viveu na Galileia do século I.

A metodologia empregada pelo autor tem por base o levantamento das descobertas arqueológicas (com ênfase para uma arqueologia que se ocupa com os vestígios materiais conectados com a vida das pessoas humildes), em um diálogo constante com uma semiótica textual voltada para a descoberta de indícios existentes nas entrelinhas dos textos que apontem quem foi esse judeu Jesus a partir do contexto social, político, econômico e cultural em que ele viveu. Percebe-se, então, o emprego de uma metodologia calcada nos princípios do “paradigma indiciário”, postulado por Carlo Ginzburg.

Logo na introdução, o historiador André Chevitarese deixa o leitor ciente da dificuldade de se pesquisar a personagem histórica Jesus de Nazaré, devido à escassez e à precariedade da documentação que se ocupa de narrar os fatos da sua vida. Documentação esta que, aliás, é posterior em muitos anos à morte de

Resenha submetida em 07 de abril de 2024 e aprovado em 23 de dezembro de 2024.

* Doutor em História e mestre História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor I do Colégio Estadual Presidente Kennedy e Professor I da Escola Municipal Presidente Médici. ORCID: 0000-0002-7471-6568. País de origem: Brasil. E-mail: danisoavei@yahoo.com.

Jesus, além de ter sido produzida por sujeitos que nunca o conheceram em vida.

A veracidade da afirmação acima fica evidente quando constatamos, por exemplo, a completa ausência de documentos referentes à infância e à adolescência de Jesus. O que temos, segundo Chevitarese, são “migalhas e vislumbres” (sic) que nos permitem construir minimamente a trajetória de um Jesus já na fase final da sua vida.

Deve-se elogiar o fato de o autor não se restringir apenas aos evangelhos ditos “canônicos”, incluindo na sua pesquisa obras literárias que foram excluídas do cânone cristão tal como nós o conhecemos nos dias atuais, mas que, para o historiador (conforme ele faz questão de frisar) têm a mesma relevância que os textos homologados pela tradição cristã. É por esta razão que Chevitarese trabalha no seu livro com os Evangelhos de Q e de Tomé, considerando que ambos foram escritos em meados do século I.

No início do primeiro capítulo, o autor reforça o argumento da quase inexistência de textos contendo dados concernentes à vida de Jesus quando ele se põe a discorrer sobre os relatos da narrativa do nascimento de Jesus. Chevitarese aponta que Marcos (o primeiro dentre os quatro evangelhos inseridos no Novo Testamento a ser escrito, na década de 70) desconhece por completo informações sobre o nascimento de Jesus. Foram os evangelistas Mateus e Lucas, que escreveram seus evangelhos no final do século I e se basearam parcialmente em Marcos, os primeiros a mencionar a estória do nascimento. E mesmo neste caso, Chevitarese alerta que tais estórias se caracterizam como prefácios inseridos pelos evangelistas, possivelmente no século II. Tal observação demonstra que o autor sabe trabalhar com a documentação de forma crítica; em vez de fazer uma leitura linear dos evangelhos, o que poderia levar a ilações equivocadas e sem lastro na materialidade histórica.

Ainda dentro da temática do nascimento de Jesus, o autor tem o cuidado de ler as narrativas mateana e lucana dentro do contexto sociocultural dos povos da antiga bacia mediterrânica e de fazê-las dialogar com este contexto. Assim é que Chevitarese nos chama a atenção para o fato de que as estórias acerca do

nascimento de Jesus foram construídas para se adequarem às mitologias correntes daqueles povos, que demandavam que pessoas consideradas extraordinárias, deviam, pela tradição, ser filhos de algum deus, a exemplo de Hércules, Alexandre, O Grande, Otávio Augusto ou Apolônio de Tiana.

Infelizmente, Chevitarese se esquiva de explicar por que Marcos omitiu quaisquer narrativas quanto a um nascimento divino de Jesus, haja vista que se tratava de um autor igualmente inserido no ambiente urbano helenístico e que, com certeza, também tinha interesse em fazer prosélitos gentios dentro do ambiente politeísta.

Conforme foi dito acima, Chevitarese lança mão das descobertas arqueológicas a fim de buscar compreender como era vida dos habitantes da aldeia de Nazaré, lugar onde Jesus nasceu. Valendo-se de uma metodologia acurada a partir dos achados materiais pertinentes aos séculos I e II, o autor consegue elaborar algumas considerações intrigantes: 1) a julgar pelos vasos feitos de pedra calcária, Nazaré era habitada por judeus que seguiam escrupulosamente as leis de pureza ditadas pela Torá, o que significa que não eram judeus cosmopolitas ou receptivos aos costumes greco-romanos; 2) considerando o espaço exíguo do interior das residências, constata-se que seus habitantes era demasiadamente pobres e que levavam uma vida repleta de dificuldades; 3) a descoberta de túneis debaixo do interior das residências e sua possível utilização como rotas de fuga sugere que os judeus daquela região tinham um histórico de conflitos com o invasor ocupante e 4) a existência de uma pedreira próxima a Nazaré sugere que o trabalho de pedraria, juntamente com a agricultura, fossem as principais atividades econômicas da aldeia.

Este recurso a uma “arqueologia social” será aplicado pelo autor quando, no capítulo quarto, ele tratar da aldeia de Cafarnaum. Após analisar os vestígios arqueológicos de Cafarnaum, Chevitarese conclui que seus habitantes partilhavam da mesma situação socioeconômica dos aldeões de Nazaré. As casas eram rudimentares, construídas com basalto, eram desprovidas de telhas (o que nos leva a crer que elas deviam ser cobertas com palha untada com lama), as ruas não eram pavimentadas e não existiam canaletas para coletar a água da chuva. A inexistência de materiais como gesso, mármore, pedras usadas para a construção

de mosaicos e telhas de cerâmica vermelha, além da ausência de elementos decorativos como afrescos e inscrições públicas nos ajuda a ter uma ideia do nível de pobreza vivenciado por aquelas pessoas. Via de regra, a ausência de qualquer tipo de inscrição ou epígrafe, tanto em Nazaré quanto em Cafarnaum, servirá de base para Chevitarese ponderar que os judeus que viviam naquelas duas aldeias eram iletrados.

Chevitarese novamente exhibe a intuição de um bom historiador ao comparar Nazaré com a cidade de Séforis. Esta última era uma cidade fortemente helenizada, com uma população majoritariamente urbana, dotada de uma infraestrutura com teatros, anfiteatros, fontes, termas, fórum, etc., e localizada a 7 km da terra natal de Jesus. Com uma distância geográfica tão curta, Chevitarese deduz que o fato de Séforis ter sido o centro de uma revolta contra Roma nos primórdios do século I certamente reverberou nas aldeias circunvizinhas, causando um enorme impacto entre os habitantes de Nazaré.

As histórias desta insurreição, contadas de boca em boca, devem ter contribuído para modelar o pensamento e a personalidade de Jesus. Este ponto é fundamental porque aqui o autor toca na importância da oralidade e seu papel na formação do intelecto de milhares de pessoas que, no mundo antigo, eram analfabetas. A importância da oralidade também se faz presente no terceiro capítulo do livro, quando o autor trata da influência que o profeta popular João Batista exerceu sobre o galileu Jesus. Afinal, Jesus saiu de Nazaré e percorreu um longo caminho que o levou até o distrito da Judeia, nas margens do rio Jordão.

Chevitarese frisa que esse deslocamento deve ter sido motivado pelas histórias que Jesus deve ter ouvido acerca desse profeta que batizava nas águas do Jordão. Uma vez em contato com João, Jesus ouviu suas exortações de que uma intervenção divina era iminente e ficou impressionado com os seus ensinamentos a ponto de se tornar discípulo de João Batista, antes de sair do grupo e iniciar seu próprio ministério. Foi, portanto, através da oralidade que Jesus mergulhou nas expectativas escatológicas e messiânicas compartilhadas por muitos dos seus conterrâneos. Via de regra, foi por meio da oralidade que as mais diversas crenças messiânicas se disseminaram entre diferentes camadas da população judaica, gerando polêmicas sobre quando e onde o messias surgiria.

O autor afirma que, apesar disto, Jesus não estaria interessado em saber quando e onde ocorreria uma intervenção messiânica. Eu considero, entretanto, que neste quesito Chevitarese se equivoca, pois a ida de Jesus ao Monte das Oliveiras, momentos antes da sua prisão, indica que Jesus compartilhava da crença popular de que seria no Monte das Oliveiras que Deus desceria para (junto com o messias?) combater as nações inimigas dos judeus. Ecos desta crença popular se fazem presentes na profecia contida no livro de Zacarias (Zc 14:1-4).

É também dentro do campo da oralidade que Chevitarese se ocupa de analisar as parábolas atribuídas a Jesus, classificando-as em duas categorias: parábolas com alta probabilidade de advirem do Jesus histórico e parábolas com pouca probabilidade de terem sido proferidas por Jesus. No caso do primeiro tipo, Chevitarese ressalta o aspecto agrário camponês, com todas as variantes que tal aspecto envolve: 1) o tamanho de um determinado tipo de semente que, ao germinar, irá resultar numa planta de porte avantajado, 2) o proprietário de uma plantação que sai a contratar trabalhadores assalariados a um valor pré-definido, 3) a existência de camponeses endividados que devem altas quantias a um proprietário que permanece ausente da sua propriedade na maior parte do tempo e 4) o conhecimento do processo de fermentação do pão.

Todos os motivos acima mencionados são encontrados nas parábolas da “semente de mostarda” (Mc 4:30-32, Mt 13:31-32 e Lc 13:18-19), dos “trabalhadores da vinha” (Mt 20: 1-15), do “administrador desonesto” (Lc 16:1-8) e do “fermento do pão” (Lc 13:20-21, Mt 13:33). Chevitarese observa que, mais do que estórias de cunho moralizante, o que esta forma de comunicação oral deixa transparecer é o universo campesino marcado pela existência de lavradores pobres assediados por senhorios gananciosos. Lavradores que frequentemente tinham na sombra de um arbusto de mostarda o único lugar para descansarem durante a labuta no campo e cujo alimento diário era pouco mais do que um pedaço de pão. O que essas parábolas descrevem é precisamente o cenário da Galileia dos anos 20/30. Era o universo que Jesus e seus seguidores conheciam.

Para concluir esta resenha, devo dizer que senti falta de uma abordagem sobre as causas imediatas que levaram Jesus à prisão e à crucificação. Senti falta, particularmente de uma abordagem que focasse no episódio da investida de Jesus

contra os mercadores do templo (Mc 11:15-19, Mt 21:12-17, Lc 19:45-48). Eu entendo que tal acontecimento (que considero historicamente plausível; e o próprio autor não questiona sua historicidade) contribuiu sobremaneira para a condenação de Jesus à morte e merecia um capítulo à parte.

Finalizando, eu avalio a obra como uma boa opção de leitura para aqueles que desejam começar a pesquisar sobre a vida de Jesus e a história do cristianismo nos seus primórdios. A linguagem é simples, André Chevitarese é bem direto e objetivo nas suas ponderações e ele ainda inclui, como um apêndice ao final do livro, uma tabela cronológica dos textos neotestamentários, fornecendo uma metodologia de leitura aos leitores dispostos a um aprofundamento nos estudos sobre Jesus e as origens do cristianismo.